

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

LOCALISTAS E COSMOPOLITAS: A REDE DO ROTARY CLUB INTERNACIONAL E O OS
PRIMORDIOS DO URBANISMO NO BRASIL (1905-1935).

MARGARETH A. C. DA SILVA PEREIRA (PROURB-FAU-UFRJ)

Localistas e Cosmopolitas: a Rede do *Rotary Club Internacional* e o os primórdios do Urbanismo no Brasil (1905-1935).

Resumo:

Criado em 1905, em Chicago, o Rotary Club conta hoje com filiais pelo mundo inteiro e é reconhecido como uma organização engajada em várias ações humanitárias. Criado no Brasil, no Rio e em São Paulo, no começo dos anos 1920, o clube desempenhou um importante papel até a II Guerra Mundial. De fato, o Rotary Club delineou seu perfil não somente como uma organização associativa interessada em promover a coesão social de seus membros nos negócios, auxiliando-os a enfrentar suas dificuldades de inserção e atuação profissional. A instituição foi a mais importante “organização civil sem fins lucrativos” existente até os anos 1950, acumulando uma longa série de ações que marcou a vida social de milhares de cidades e inclusive suas formas construídas. As experiências desenvolvidas em Chicago no começo do século XIX em matéria de planejamento serviram de certo modo de baliza às suas ações exportadas para os quatro cantos do mundo. Vistas em uma perspectiva histórica, a criação e expansão do Rotary Club no Brasil, bem como suas atividades, nos permitem observar a comutação transnacional das experiências nas questões do planejamento urbano, focando os atores sociais, os conceitos, as linguagens e os planos, nas escalas global e local.

Localistas e Cosmopolitas: a Rede do *Rotary Club Internacional* e o os primórdios do Urbanismo no Brasil (1905-1935).

Quando, em 1905, o advogado Paul Harris criou o primeiro Rotary Club ele não imaginou como sua iniciativa se multiplicaria rapidamente, levando seis anos mais tarde, em 1911, à criação do Rotary Internacional visando já, àquela altura, administrar um conjunto importante de clubes que vinha se espalhando não so pelos Estados Unidos mas também pela Grã Bretanha e pelo Canadá. Hoje com representações em 166 países as práticas e os valores sociais do Rotary Club, consolidados nas primeiras décadas do século XX pelos seus membros pioneiros, são compartilhados por mais de 1 milhão e duzentos mil associados, fazendo da associação talvez a mais importante organização não governamental operando no mundo. Entretanto, a história do Rotary Club ainda não suscitou a atenção dos especialistas da área da sociologia urbana ou daqueles que se dedicam a história do urbanismo e nem sequer dos estudiosos da história de Chicago.

De fato, quando se contrapõe o verbete de pouco mais de 20 linhas dedicado ao *Rotary International* às 1117 páginas da recente *The Encyclopedia of Chicago*, constata-se que os próprios autores que se dedicam a história da cidade, não perceberam o alcance cultural e político desta poderosa organização civil dedicada aos serviços comunitários. Entretanto, basta lembrar o enraizamento social dos seus associados em grandes e pequenas cidades do planeta: a roda dentada dos Rotary Clubes pode ser vista de Arequipa a Londres, de Aquidauna a Colombo, de São Paulo a Nova York, passando por Paris, Dusseldorf, Bombaim, Baranquilha, Dublin, Caracas, Lima, Mendoza... Organização assim localmente assentada, além disto, o Rotary age globalmente. Como se sabe, em 1945, 49 rotarianos participariam da redação da Carta das Nações Unidas e naqueles anos, graças às decisões de uma Convenção rotária dedicada à educação e os intercâmbios culturais realizada em 1943, seria criada a UNESCO. Além disso, o Rotary International, dispõe de um representante permanente junto ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, bem como, de representantes junto a Organização Mundial da Saúde e da UNICEF com escritórios em Genebra e Nova York nos próprios locais ocupados pela ONU, o que lhe permite como organização não governamental a intervir diretamente na formulação de diretrizes e políticas implementadas e observadas nas “quatro partes do mundo”.

Embora alguns autores da área das ciências sociais comecem a perceber nexos entre alguns atores sociais no campo do urbanismo, suas atividades e a rede transnacional do Rotary Club, a organização ainda não mereceu uma obra que analise especificamente estes laços e menos ainda o impacto no meio urbano de uma série de iniciativas locais em diferentes municipalidades promovidas pelo Club e por seus membros.

Neste texto, gostaríamos de chamar a atenção para a importância dessa associação em alguns países da América Latina, particularmente no Brasil, nos anos “formadores” da própria noção de “política pública” na área da educação e do urbanismo, ou do que poderíamos definir como anos de criação de uma “educação urbana” voltada para a formação de novos cidadãos e cidadãos.

SERVIR: Da criação de uma rede de ajuda mútua a um clube de serviços.

O contexto de criação do primeiro Rotary Club e seu perfil durante sua primeira década de atividades são indissociáveis da própria dinâmica social em Chicago entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Criado em fevereiro de 1905 pode se dizer que a criação deste primeiro Clube foi a estratégia encontrada por um pequeníssimo grupo de amigos para enfrentar suas dificuldades pessoais de inserção social na cidade e de desempenho profissional. Na verdade, a associação nasceria a partir da noção de “ajuda mútua” entre seus membros em um contexto, como se sabe, de grande crescimento demográfico, desigualdades de oportunidades, e, ainda, de forte mobilidade na cidade de Chicago. Em outras palavras, em um contexto portanto, de relações interpessoais marcadas pelo anonimato, pela competitividade e pela incerteza diante da ausência de regras e valores sociais compartilhados.

Assim, o já citado advogado Paul Harris e seus amigos¹, um negociante de carvão, um engenheiro de minas e um alfaiate, têm a idéia de criar um grupo de indivíduos que pudesse, dentro da “grande cidade”, formar uma pequena “comunidade” e se auxiliar reciprocamente. In the words of Paul Harris: “ The group included members of American, German, Swedish and Irish ancestry, and representatives of The Protestant, Catholic, and Jewish faiths, all products of the American melting-pot, and in that respect, fitting progenitors of the international order which they were to bring into being”² Harris, como seus colegas, nascidos em pequenas cidades do interior dos Estados Unidos e como muitos imigrantes que afluíam a Chicago nos primeiros anos do século XX, procurou, assim, de início criar um grupo de

pessoas que pudessem fazer negócios e trocar serviços profissionais entre elas com mais segurança, reagindo a um meio desconhecido e por vezes hostil para todos.

Escrevendo sobre o momento de fundação do Rotary o mentor do Clube resume: *“A hora de maior depressão foi para Chicago o que se segue: ao terminar o século XIX e a primeira Exposição Mundial, havia milhares de mendigos e a miséria é castigo incitante. Lutavam para conservar suas posses aqueles que ainda as tinham e os que nada possuíam lutavam afim de obter o necessário para viver. Os alugueiros se atrasavam, os juros não eram pagos, os varejistas não honravam suas dívidas obrigando os atacadistas a faltarem com seus compromissos para com os manufactureiros. As Cortes abarrotavam de processos por apropriações indébitas, manutenção de posses, embargos, procurações hipotecas, vencidas, desembargos, sequestros. Os famintos precisavam comer, mas era necessário também que trabalhassem pois a ociosidade gerava vícios. Chicago não poderá jamais esquecer os dias posteriores à sua primeira Exposição Mundial – o auge da miséria patenteou-se em todos os pontos de vista. Foi sentido violentamente um pânico financeiro que varreu todo o país... Nos distritos e bairros pobres a evidência da necessidade e do sofrimento despertavam compaixão...pela cidade inteira abriram-se casinhas para fornecimento de sopa aos famintos. Nas noites de inverno rigoroso eram recolhidos na Prefeitura, nos edifícios municipais e nas delegacias, homens, mulheres e crianças encontradas sem abrigo. As cadeias achavam-se abarrotadas daqueles que cometiam delitos propositalmente para obterem abrigo...”*³

Nesses anos teria grande impacto a obra de W. H. Stead - *If Christ come to Chicago* publicado na Inglaterra, expondo este quadro de injustiças e desregulação social se perguntando “se viria alguma coisa boa de Chicago?”. Paul Harris, tentando responder à pergunta e melhor definir porque criara uma associação como o Rotary concluiria: *“Rotary poderia de fato ter vindo à luz sob céus mais luminosos, num clima mais uniforme e numa cidade de maior sossego mental, embora muitos insistirão que não haveria melhor pátria natal para um movimento semelhante... do que a paradoxal Chicago onde se lutava sem tréguas em prol da retidão cívica... Rotary não terá motivo de se envergonhar da cidade de sua origem. Foi precedido por uma linhagem ilustre de movimentos concebidos no espírito patriótico e idealista, sustentados com entusiasmo e resolução...”*⁴

Na verdade, embora o criador do Rotary sempre tenha insistido no perfil social, religioso e étnico plural do movimento e assim, já desde o início, bastante diferentes em seus objetivos,

muitos daqueles que rapidamente se associaram à iniciativa de Paul Harris, como ele, tinham em mente e admiravam a obra de reformadores sociais e líderes religiosos da cidade como Dwight L. Moody, Billy Sudday e Paul Rader, Conheciam e respeitavam também a obra de Frances Willard e de Jane Addams na Hull House, todos nominalmente citados por ele. Em todo caso, com um maior ou menor sentido “cristão” explícito, inseriam agora a si próprios também em um conjunto de movimentos e ações que mostravam que a história de Chicago “era mais que uma história de crimes e corrupção: era a história das vidas de homens e mulheres resolutos e inspirados pela fé.”⁵

De fato, para outros observadores o sentimento de que já vinha sendo esboçada uma reação ao estado de anomia social em Chicago era também patente. O jornalista Lincoln Steffens, considerado mais tarde um radical nas denúncias de abusos e corrupção no trato da coisa pública e autor de livros e artigos também de impacto, estes publicados nos Estados Unidos, como *The Shame of the Cities* (1904) et *The Struggle for Self-Government* (1906) era, por exemplo, um deles. Levando em conta o trabalho da Municipal Voters League (criada em 1896⁶), Steffens considerava que Chicago já no início de século podia servir de exemplo de “bom governo” para outras cidades norte-americanas e era ao mesmo tempo uma “ilustração” e um “triunfo” do movimento reformista.⁷ Nas primeiras décadas do século XX Dwight Lyman Moody, Billy Sudday e Paul Rader também já reconhecidos como pregadores em Chicago começavam uma campanha moralizadora em diversas cidades através dos Estados Unidos.

Mas embora em sua origem o Rotary Club mereça ser analisado tanto à luz dos movimentos confessionais criados à época quanto dos movimentos de lutas por direitos civis e sociais, a identidade da comunidade buscou evitar qualquer crivo religioso e sobretudo político entre os seus membros. À despeito das conquistas dos movimentos “associativistas”, voltados inclusive para as comunidades étnicas, a lembrança de greves e conflitos trabalhistas, como o de Haymarket em 1886 e da depressão do período 1894-1897 ainda eram fortes. A esta altura, mesmo dentre os “americanos” de classe média cujas famílias já haviam se estabelecido no país há mais tempo e com perfil social semelhante ao dos criadores do Rotary, as divergências ideológicas na busca de resposta para a série de “problemas urbanos e sociais” mencionados começavam a se fazer sentir manifestando-se não só em partidos mas, inclusive, na multiplicação das organizações civis e religiosas existentes na cidade.

Ora, embora o grupo tenha adotado de uns e de outros ora os mandamentos de seu próprio evangelho ora sua agenda de temas “progressistas”, a identidade da associação seria definida inicialmente pela ênfase dada à atividade “profissional” de seus membros e deveria ser guiada por objetivos práticos, pautados nas próprias dificuldades que eles encontravam na vida corrente. Neste contexto, a associação deveria criar uma rede duplamente solidária, norteadas não por princípios metafísicos mas pelo simples bom senso. Esta solidariedade se manifestaria “naturalmente” tanto no respeito de regras comerciais benéficas para as partes envolvidas quanto no apoio que cada membro da comunidade traria aos negócios de seus pares ao contratar na própria comunidade os profissionais “competentes” e “honestos” que necessitasse ou, simplesmente, ao indicar um colega rotariano para qualquer tarefa.

A adesão ao clube pressuporia antes de tudo uma seleção e o recrutamento de um e apenas um membro para cada atividade socialmente identificada e “classificada” em decorrência dos diferentes papéis sociais desempenhados na sociedade por cada membro e evitando a competição e concorrência no interior do próprio grupo: jornalista, advogado, médico, contador, representante comercial do setor hoteleiro ou de implementos do setor da mineração e do setor de ferrovias, corretor de imóveis, arquiteto, pintor, escultor, e assim sucessivamente. Também a idéia de que toda forma de trabalho deveria ser melhor conhecida e reconhecida socialmente permeia o princípio de “classificação de atividades” dos membros, daí inclusive a rotatividade das reuniões semanais que, de início deveriam ser, alternadamente, *in the members' places of business in rotation* e que acabou inspirando o próprio nome do clube.

Essa rede de “amigos” auxiliando-se mutuamente e, assim “prestando serviços” uns aos outros no plano pessoal e comercial estaria unida pelo “*ideal of service*”, adotado por Paul Harris e seus colegas na formulação dos princípios e das metas da associação. Entretanto como entender esta noção de “servir” e como ela evoluiria para ultrapassar a estrita comunidade dos rotarianos? E assim fazendo, como ela evoluiria do plano local – a cidade de Chicago – para escalas cada vez maiores – nacionais, continentais e internacionais - e em ritmo crescente chegando em 1927, por exemplo, ao recrutamento de quase quinhentos novos membros por mês, nos diversos países? Algumas etapas podem ser apontadas na história das primeiras décadas do Rotary e podem ser aqui rapidamente lembradas em seu processo de expansão. Elas sinalizam primeiramente um momento inicial quando, pouco a pouco, os

diferentes sentidos associados à noção de “*service*” foram sendo enunciados pelos membros até configurarem duas nítidas correntes.

Pode-se dizer que internamente, sociabilidade e negócios foram as primeiras e principais preocupações dos sócios pioneiros do Rotary. Entretanto, já em decorrência das diferentes interpretações de “serviço”, uma parcela da “comunidade” rotariana formada ao longo do primeiro ano, rapidamente conseguiu dirigir o foco da ação do grupo também para temas locais e de grande visibilidade, talvez inclusive como forma de criar uma maior e melhor interação com as inúmeras “comunidades” de interesse (cívicas, étnicas, políticas, trabalhistas, comerciais, profissionais, acadêmicas) atuantes na cidade.

Assim, a primeira campanha rotariana fora dos próprios limites do club ocorreria ainda entre 1905-1907 e foi em favor da instalação de sanitários públicos em Chicago. Esta iniciativa colocou, lado a lado, coordenadas pelo Rotary, todas as associações cívicas da cidade e também da administração municipal. Em dois anos, a campanha atingia sua meta e o Rotary Club acabaria sendo elevado à categoria de “organização cívica” de grande mérito, mostrando para outras associações com perfil semelhante “a razão de sua existência.” Paul Harris comenta que para que a organização conseguisse este seu primeiro sucesso “foi necessário confessar a falta de visão, ainda que isso custasse algum sacrifício”. Ele escreve:

“ Afirma-se que o fim da entrada [do Rotary] na esfera do serviço público foi ocultar o seu verdadeiro propósito, isto é , o interesse próprio...O autor[ele próprio] nada poderá dizer... quanto ao pensamento dos seus colegas, todavia declara o que pensava à época. Preocupava-se com o trabalho de fundar um Club dos melhores que pudessem existir. Tinha a visão das possibilidades de expansão ilimitada... Algumas pessoas exprimiram sua admiração ao descobrir que [o Rotary] no início não tinha o desenvolvimento completo. Realmente não o tinha, nem estaria de acordo com as leis da natureza...Dera-se início. Rotary não deveria continuar a viver de si para si.” (Harris: 101-102)

Entretanto, esta entrada do Rotary Club na esfera do serviço à comunidade deve ser associada também à uma importante iniciativa que passou, ` partir de 1905-1906 a envolver ainda mais a opinião pública com as questões urbanas e deve assim ter contribuído para ‘ampliar a visão’ dos primeiros rotarianos quanto a sua própria forma de inserção social. Trata-se da elaboração de um plano para a Chicago do futuro que dois clubes reunindo setores das elites econômicas da cidade, o Merchant’s Club e o Commercial Club, passaram a buscar organizar.

Uma pequena digressão em torno da elaboração do Plano de Chicago torna-se aqui necessária não só para uma maior compreensão do campo social quando da criação do Rotary Club na cidade mas também do próprio processo de afirmação de alguns dos seus traços identitários, muitos deles em consonância com o vocabulário dos responsáveis pela realização e difusão do plano – *standards, education, progressivism, efficiency, applied knowledge, besides others*.

Como se sabe, o Plano de Chicago acabou sendo realizado pelo Commercial Club que contrataria, para tanto Daniel H. Burnham e Edward H. Bennett, já conhecidos pelo projeto da Exposição Universal de 1893, e organizaria também um General Committee composto por 15 de seus membros para auxiliar a tomada de decisões dos arquitetos. Sua elaboração exigiu 3 anos de preparativos e mais de 200 reuniões entre os membros do General Committee entre si e entre estes e Burnham com importantes líderes de setores organizados da sociedade para discutir as premissas a serem adotadas. O resultado dos trabalhos, seria enfim, apresentado em 1909 pelo Commercial Club à cidade, quando foi oferecido ao Mayor de Chicago, Fred Busse, uma das 200 cópias do documento impresso e ricamente ilustrado intitulado *Plan of Chicago Prepared under the direction of Commercial Club during the years 1906, 1907, 1908 1909*. Embora a iniciativa não fosse, assim, oficial, as condições sociais de concepção, recepção e, mais tarde, circulação do Plano de Chicago convergiram no sentido de legitimá-lo, pelo menos como uma diretriz geral para o crescimento da cidade, e é inegável tanto o seu impacto junto da administração pública quanto na dinâmica dos movimentos sociais, dentre eles o Rotary Club.

Como se sabe ainda, pouco depois o Mayor Fred Busse criaria a *Chicago City Plan Commission* (CPC) composta de mais de 300 membros entre homens de negócio, políticos e dirigentes de movimentos cívicos tendo por presidente o construtor e real estate developer e líder cívico⁸ Charles J. Wacker. Como Burnham exporia na Town Planning Conference realizada em Londres em 1910, a Comissão visava garantir um controle público às decisões do Mayor e do Conselho Municipal, discutindo um corpus de projetos comuns a serem implementados. Além disso, ela deveria “se pronunciar sobre todos os problemas relativos à transformação física da cidade” e sublinhando a originalidade do próprio modo de funcionamento da comissão, Burnham esclarecia que a comissão tinha por fim fazer com que uma “importante porcentagem dos cidadãos compreendesse estes projetos comuns e seus objetivos e que também os apoiasse.” (Burnham : 305 et Abbot : 615)

Ora, uma das primeiras ações da CPC foi contratar Walter Dwight Moody, importante manager os civic organizations e promoter para publicizar o Plan of Chicago junto à população da cidade. Moody elabora então o que viria a ser o *Wacker's Manual of the Plan of Chicago : Municipal Economy*, publicado pela primeira vez em 1911 e adotado em todas as escolas públicas da cidade durante toda a década de 1910 até meados dos anos 1920.

A reverberação dessas discussões provocaria uma efervescência ainda maior dos debates de temas de interesse coletivo na cidade e coincide, assim, com a lenta mas progressiva ampliação da esfera de ação e das metas do Rotary Club, que embora não sendo consensual passa a marcar o seu perfil. Pode-se dizer, que grosso modo, o Rotary foi se auto-definindo e organizando assim a sua própria agenda à luz e em paralelo, ao próprio processo de discussão sobre a natureza da cidade e dos papéis sociais desempenhados por cada ator, coletiva e individualmente, estimulado pelos debates em torno do *Plan of Chicago*. As atividades da CPC, por sua vez, estimulariam ao longo da década de 1910 e 1920 a formação do que poderíamos chamar também de uma escola de “urbanism and urban governance”, entendendo-se o urbanismo aqui não apenas como o desenho de uma imagem de cidade, mas como a própria “construção da cidade” e em consequência, de sua nova imagem em um período marcado por inúmeros câmbios tecnológicos e socio-culturais.

De fato, nesses anos torna-se evidente para os chicanos não apenas que « everyone plans », como assinalou Abbot, mais também que as cidades são construções coletivas. Como Abbot et Krueckeberger, de modo diferente chamaram à atenção Chicago viveu até o fim dos anos 1920 um “civic-moment” exceptionnel “when business interest and civic interest seemed to converge”⁹. Mesmo para aqueles ligados ao meio dos negócios, e talvez no interesse de preservar o próprio capitalismo, pareceu necessária uma maior coletivização na formulação de planos e projetos, na adoção e conscientização das decisões, enfim uma profunda cooperação dos cidadãos na vida municipal.¹⁰ Entretanto, este common sense não foi considerado um a priori, mas aqui também, uma construção coletiva e, em consequência, a questão foi então de informar e formar, daí a importância que os temas educativos assumem dentre os temas discutidos. É nesta linha de ação, centrada na meta de contribuir na construção de um cidadão consciente e envolvido pelas condições concretas do ‘frame’ de suas experiências individuais e em grupo, que a imprensa e os meios de comunicação em geral se impõem como potentes ferramentas no processo educativo. Em termos de uma educação de massa, primeiramente é Moody e alguns membros do Commercial Club que parecem compreender o

potencial dos meios de comunicação para a educação urbana, e para a própria (re)fundação de laços sociais. Entretanto, como o *Wacker's Manual* alcança grande capilaridade já que, através da escola penetra na casa de cada habitante de Chicago levada pelas mãos dos próprios alunos, e auxilia no processo de o alcance da 'propaganda' passa a ser levado em consideração na 'propaganda' de classe média, os membros do Rotary Club.

Ora, é evidente que, embora nem sempre analisado nestes termos, também o meio acadêmico participou desta dinâmica trazendo insumos para o debate. É no interior desta "escola de urbanismo", ativista e participativa que a CPC e o Wacker Manual estimulam, onde o urbanista não deixa de ser um especialista mas cuja obra só se conclui se é 'apropriada e construída' pelos cidadãos, que se desenha pouco a pouco o perfil da produção científica de certos departamentos da Universidade de Chicago, como os de sociologia ou educação. Como Abbot, apontou "reformers as Adams and Small and even the subsequent generation of Charles E. Merriam and William I. Thomas were thoroughly enmeshed in such an immediate view of the city" (Abbot 2000 : 149). Do mesmo modo, é necessário não minorar o impacto deste "círculo virtuoso" de discussão cada vez mais ampla, contínua e cotidiana no trabalho de Robert Ezra Park et seu clássico *The City* (1915), nos panfletos, livros e filmes que o próprio Walter Moody continuou produzindo ao longo da década de 1910 como seu *What on the City*¹¹ (1919) ou as tentativas ainda nos anos 1930 de Louis Wirth no sentido de definir o sentido de palavras como cidade, urbanização, urbanismo e o próprio título de seu célebre artigo *Urbanisme as way of life* (1938).

Charles Eliot, ex-presidente de Harvard chamaria a atenção para outros aspectos da 'new democracy' que esta escola de urbanismo de Chicago convidava cada um a exercitar. Ele observava em 1910: "That a club of businessmen should have engaged in such an undertaking, and have brought it successfully to its present stage, affords a favorable illustration of the workings of American democracy. The democracy is not going to be dependent on the rare appearance of a Pericles, an Augustus, a Colbert, or a Christopher Wren. It will be able to work toward the best ideals through the agency of groups of intelligent and public spirited citizens who know how to employ experts to advantage." (apud.Krueckeberger :77)

Que o *Plan of Chicago* tenha sido organizado e oferecido à cidade e colocado em discussão por um grupo de homens de negócios da alta burguesia da cidade mereceria que a própria

natureza desse gesto fosse pensada como matriz de formas possíveis de organização social produtoras de sentidos políticos (Gaudin : 57) ao invés de ser ora julgada tendo em mente estruturas estatais, fortes e centralizadoras que historicamente se delinearão mais tarde, ora simplesmente ignorada. De fato, afastadas as interpretações anacrônicas é possível pensar que o modo de entender a gestão e a construção da cidade implícitos no contexto de elaboração e difusão do Plano de Chicago não só produziu sentidos políticos no plano local. Ele inspirou ainda as formas de ação social de outras organizações como o Rotary Club que trazendo a democracia e a construção da cidade para um plano ainda mais pragmático e cotidiano, engajou um amplo espectro de atores fazendo com que se espalhasse com a rapidez de um rastilho.

Se para os primeiros rotarianos a noção de serviço passaria a se referir também ao servir “à cité”, a próxima etapa na história do Club se estende de 1908 a 1912. Esses anos marcam o primeiro período de expansão do “ideal of service” rotário à outras cidades norte-americanas. Ainda que continuassem veladas as ambiguidades iniciais a associação criada por Harris ia fazendo seu caminho e a concepção de servir em suas múltiplas interpretações – comunitarista, cidadã, comercial ou cívica - levava o exemplo do Rotary Club de Chicago às cidades da costa Oeste, começando por São Francisco, Oakland, Los Angeles e logo depois saltando de Seattle para a costa leste e daí para o país inteiro: Nova York, Boston, Minneapolis, Detroit...

Na primeira convenção do Rotary realizada em agosto de 1910 existiam 16 clubes regularmente funcionando nos Estados Unidos. Nesse meeting foi organizada a National Association of Rotary Clubs, a primeira constituição do clube com seus 4 objects¹² e os 5 princípios¹³ da organização nacional delineados e em apenas 4 meses, não só 8 novos clubes viriam a ser organizados como também o primeiro internacional em Winnipeg, Manitoba, no Canadá. Rapidamente dois lemas do Club que surgiram na primeira convenção em Chicago e na seguinte em Portland começavam a ser fundidos e repetido para além das fronteiras norte-americanas: “ Service above self – He profits most who serves best”.¹⁴ Embora as diferenças na noção de servir fossem se tornando mais claras, a idéia de que o Rotary era não só um “corpo unido” já com mais de 1500 membros mas também uma espécie de “engrenagem”, começaria a se delinear, guiando, o desenvolvimento da organização.

A roda dentada no formato que conhecemos também se fixa como emblema da associação entre 1910 e 1912 e lema e emblema devem ser aqui examinados dentro de uma idéia de “*role playing*” ou “função” cara a vários analistas sociais naqueles anos.¹⁵ Na verdade, além de sua deliberação de acomodar credos religiosos ou políticos o Rotary também amalgamou tanto a idéia de sociedade como “organismo vivo”, já presente desde 1905, quanto a partir de agora de um máquina transnacional, para além de raças e países, composta de diferentes peças e onde as diferentes engrenagens provocam o movimento do todo. Assim ao mesmo tempo em que começa a buscar conciliar as duas idéias de serviço, colocando entretanto a noção capitalista sob a tutela da humanista, o Rotary também acolhe tanto a metáfora orgânica e inspirada pelas ciências naturais da sociedade como a mecanicista e inspirada pelas ciências exatas.

Na perspectiva organicista, como esclarece um rotariano anos mais tarde, a noção de serviço para grande parte dos associados era entendida como “um princípio de vida” e “uma lei natural” que regia a harmonia mundis. A “menor coisa do mundo” integra uma capacidade maior ou menor de serviço. Em outras palavras, se ela “vive, ela serve, isto é está servindo ou deve servir para algo...o que não serve é inútil, indesejável, se desseca, é sinônimo de morte.¹⁶” Servir passa a ser assim, muito mais que um princípio, uma lei metafísica “que rege ao mundo em toda a vida dos seres que o povoam e estendem suas raízes no próprio existir, na própria natureza genuína do homem.¹⁷” Assimilada esta lei, a metáfora mecanicista deixava de ser antagonica e resultava ‘naturalmente’ da simples identificação da função que cada um desempenhava na grande ‘ordem do mundo’. O princípio rotário, este sim, de classificação poderia ser aplicada se apoiando na idéia de standard, de ideal tipo e de cadeia ou funcionamento eficiente para poder desenvolver uma vigorosa ação de conjunto. De todo modo, o Rotary agora começaria a sua trajetória como uma organização transnacional e um clube de serviços sob a bandeira de “Profits more who serves best”.

A expansão dos clubes rotarios no Brasil e a ‘construção da cidade’: urbanismo, arquitetura e educação urbana.

Não poderemos examinar aqui o processo de internacionalização do Rotary Club de 1911 a 1916 que começa por mudar o nome da organização que se torna *International Association of Rotary Clubs*, em 1912. No que diz respeito aos países de língua latina deve-se assinalar, entretanto a fundação do Rotary Club de La Habana, Cuba, em 1916 o primeiro clube na

América Latina e que vem provar, como se dizia `a época, “que o Rotary não era um club apenas para anglo-saxões”. A importância que se dá a este fato nos documentos históricos da organização pelo lado dos membros dos Estados Unidos, revela percepções e expectativas sobre o seu perfil à despeito dos esforços de Harris, como um clube de cultura sobretudo branca e protestante.

Por outro lado, os documentos históricos do lado latino-americano, no Brasil e na Colômbia por exemplo, registram estranhamentos em relação a certos ritos do Rotary e que passaram a circular transnacionalmente, como o hábito de cantar antes das reuniões ou bater com os dedos nas mesas. Estas práticas eram consideradas ingênuas e risíveis e contrastavam com a norma internacional também criticada e considerada onerosa de fazer reuniões semanais almoçando ou jantando, além do mais, sem a família; conduzir as reuniões com excesso de rigor formal sem espaço para piadas ou brincadeiras; fazer as chamadas de presença; desligar membros por ausências repetidas ou aplicar o princípio da representação da classe de atividade o que fazia com que companheiros considerados excelentes que mudavam de cidades ora não pudessem ser absorvidos no novo contexto ora perdessem o lugar se acaso voltassem.

O próprio princípio de classificação dos membros, funcionalizado e decomposto em detalhes, inúmeras vezes teve que ser justificados pela direção internacional da associação. Entretanto, o desempenho do board do Rotary Internacional, até os anos 1940 secretariado por Chesley Reynold Perry – Chess Perry, considerado por Paul Harris o verdadeiro ‘construtor’ do Rotary - permitiu que, globalmente, essas diferenças de culturas pudessem ser contornadas. Mantidas assim o entendimento da lei e dos princípios e objetivos gerais, alguns pontos eram flexibilizados , tanto quanto possível, buscando respeitar a forma social e o modo de funcionamento, que cada club foi adquirindo no plano local. Entretanto, como ocorrera com começava a se explicitar com a noção de servir, também neste ponto, observaram-se tensões em relação à delicada gestão da identidade “global” e “local” da associação sobretudo na primeira fase de internacionalização do clube, entre 1912 e 1924.

Talvez tenha sido justamente essas tensões internas ao Rotary de par à traços culturais específicos que tenham tanto dificultado, de início, a fundação do primeiro clube no Brasil, e que se arrastaria por 6 anos. De fato, as iniciativas para criar um Rotary Club no Brasil começam em 1916. Naquele ano Richard P.Momsen¹⁸, jovem advogado norte-americano

membro da representação dos EUA no Brasil, participa de uma reunião do RC de Chicago. Almoçando com Chess Perry, ele e o comerciante inglês Herbert Percival Coates,¹⁹ que vivia no Urugway, se predispõem a levar os ideais rotarianos à América do Sul, fundando clubes respectivamente em Montevideú e no Rio de Janeiro.²⁰

O Clube de Montevideú seria credenciado dois anos mais tarde, em 1918, porém levaria mais tempo para ser criado o do Rio de Janeiro já que a iniciativa não encontrou receptividade de imediato. Em 1919 seria feita nova tentativa de criação de um clube no Rio de Janeiro, agora com o auxílio e a presença de dois rotarianos Frank Lanning, de Pittsburg, e H.G. Wilson, rotariano de Toledo, Ohio, que buscaram explicar com mais detalhes as finalidades do movimento. Não temos detalhes sobre a composição socio-profissional do grupo, mas, como relata Momsen em carta à Perry os presentes alegaram que já participavam de inúmeras instituições como as Câmaras de Comércio, o Clube Central, o Country Club, a YMCA. Participavam ainda de obras filantrópicas junto a Hospitais ou de agremiações como a Seamen's Mission, a Patriotic Society não sobrando tempo para participar de mais uma associação.

Ora, em dezembro de 1920 passa pelo Rio e por São Paulo o rotariano Edward P. Chalfant, de NY, presidente da Gill Manufacturing Company fabricante de anéis e segmentos de pistões de automóveis e mais uma vez volta à tona a fundação do clube. Chalfant é entrevistado pelo jornalista Herbert Moses e expõe os objetivos do clube nestes termos:

*“O Rotary consiste na voluntária agremiação de homens do commercio, cuidadosamente, escolhidos entre os diferentes ramos de atividade comercial, por meio de um processo tendente a eliminar a comcorrença e tem por fim assegurar em cada um dos seus membros o desenvolvimento de uma nova energia, susceptível de ser aplicada em proveito da comunhão commercial e social.”*²¹.

Esta visita deu novo impulso a Momsen e dois meses mais tarde foi realizada uma reunião de fundação do clube²² promovida por ele, Herbert Moses, advogado e jornalista e J.D. W. Snowden, gerente geral da American Steel Export Company, que traz consigo grande número de convidados. Entretanto, dos 17 partipantes que assinam a carta dirigida ao RI solicitando o credenciamento do clube, apenas 2 eram brasileiros. Percebe-se ainda que a maior parte deles estava envolvida no comércio de importação e exportação ou na representação de empresas estrangeiras prestadoras de serviços urbanos.

Este grupo não obteve o credenciamento solicitado. Chess Perry protestou primeiramente pela excessiva presença de estrangeiros, (e embora não o tenha mencionado, talvez o número excessivo de comerciantes) o que mostra o quanto o Rotary em 15 anos já se afastara das diretrizes presentes na criação do primeiro clube, fundado para a ajuda- mútua e sobretudo para uma noção de serviço voltada para o plano comercial. Perry também protestou do fato de estarem participando 2 advogados (Momsen e Moses).

Nesse período já haviam sido fundados 2 outros Rotary Clubes na América do Sul: o de Buenos Aires, criado por Coates em novembro de 1919 e o de Lima, criado por Frederico Affonso Pezet, embaixador do Peru em Washington em julho de 1921. Ora no traslado do ideal de serviço rotário para o Brasil, as ambiguidades se explicitaram e passaram a retardar a fundação de um novo clube. Coates agira em Montevideu e Buenos Aires, Pezet em Lima, no Panamá e em Colombo, mas no caso do Rio de Janeiro a condução do processo revela tensões de certo modo já acomodadas no caso dos Estados Unidos.

Pelas trocas de cartas de Chess Perry com os atores do campo brasileiro como Momsen e Coates nota-se que, por um lado, o board que controlava o desenvolvimento ‘federado’ do Clube, e sobretudo Perry e Harris, continua em 1921 a alimentar no plano norte-americano o diálogo do Rotary com associações filantrópicas de matriz religiosa que congregam parte da middle class protestante como o YMCA ao qual Coates, por exemplo, também estava ligado. Entretanto, no plano externo, e no caso do Rio de Janeiro em particular, a situação parecia fora de controle e o próprio board International do clube também hesitava sobre que nova identidade dar a si mesmo no contraste com culturas tão diversificadas.

Na verdade, no caso do Rio, enquanto a classe média por habitus culturais mostrava-se efetivamente distante da forma de ação social do clube o capital social acumulado pelo Rotary em 15 anos de atuação faziam com que potencialmente diversos perfis econômicos e sociais se mostrassem interessados pelas vantagens de pertencer ao clube. Mas antes de tudo era preciso saber qual direção ideológica ele assumiria. Três grupos de interesse se identificavam com o perfil e a plataforma do clube: a comunidade de representantes de companhias e empresas estrangeiras (como vimos), a elite cosmopolita local e o meio já altamente profissionalizado dos quadros administrativos já envolvidos com a temática urbana do ponto de vista técnico. Entretanto, o princípio rotariano do recrutamento respeitando-se a quota de

classificação restringia efetivamente a quota de participação de cada setor e exigia um equilíbrio de forças entre estes diferentes perfis. Ora, uma vez reequilibrada as forças e fundado o primeiro clube no Brasil em 1923 no Rio, a expansão do Rotary no país se daria em ritmo acelerado : São Paulo, Santos, Petrópolis, Niterói...

Nesta refundação do clube do Rio as inquietações quanto a possíveis desequilíbrios na composição do Rotary Club do Rio de Janeiro fizeram com que Perry solicitasse apoio à “matriz cristã” da organização, representada tanto em seu viés empreendedor e capitalista por Coates quanto reformador, por Henry H. Lichtwardt, secretario executivo da YMCA. Na verdade, como confidenciara a Lichtwardt, Perry acreditava que o clube deveria ser criado por alguém familiarizado com o Rotary. Próximo do Rotary Clube de Detroit, Lichtwardt conhecera Chess Perry em Chicago e também se encontrara com Coates em uma reunião do YMCA em Nova York, estava no Brasil desde 1916 e sua presença assegurava o board do RI em Chicago quanto a um mínimo de controle no respeito às novas diretrizes de ação do Rotary como um clube de serviço à comunidade

A segunda fundação do clube do Rio em dezembro de 1922²³, no ano que a cidade organizava sua Exposição Internacional e aumentavam os debates técnicos sobre a forma da cidade com a destruição do Morro do Castelo e com o aterramento de uma parte da baía de Guanabara, criando-se assim, não apenas um sítio artificial para acolher os pavilhões da Exposição mas também uma nova área de terrenos urbanizados que em superfície representava quase a metade da própria zona central da cidade. Este contexto de realização de grandes obras públicas e de intensa discussão sobre a forma física mas também social da cidade deve também ter estimulado comparações junto aos grupos interessados na plataforma do Rotary entre o caso do Rio e o da Exposição de Chicago, realizada trinta anos antes. De todo modo, o arquiteto Archimedes Memória, membro da segunda lista de fundadores foi um dos mais importantes conceptores do sítio da mostra e já se mostrava inclinado à uma maior observação das questões das questões locais, como vinha sendo também a atitude do próprio Rotary no contexto norte-americano e agora cada vez mais atento para as singularidades locais em vários aspectos, estimulada pela própria função desempenhada pela Comissão de Classificações.²⁴

No caso, A.Memória, aqui ao contrário de Burnham em Chicago, adotou uma linguagem arquitetônica que vinha sendo chamada à época de ‘neo-colonial’. O arquiteto também integraria o grupo de profissionais brasileiros que na década de 1920 iria estimular `as

pesquisas sobre a história da arquitetura no Brasil e promover junto a outros arquitetos e aos primeiros urbanistas cariocas uma reflexão sobre a construção de uma imagem de cidade que se mostrasse atenta ao seu próprio passado histórico.

Talvez a criação do Rotary Club do Rio tenha sido das últimas realizadas sem muito planejamento. Quando o clube do Rio recebeu sua carta de afiliação em 1923, o Brasil era o 30º país à época a integrar a rede internacional do Rotary Club. Coates já havia sido designado desde 1920 comissário do Rotary Internacional na América Latina, mas agora desempenharia suas atividades de modo mais intenso. Por sua vez Lichtwardt, havia convidado Robert Shalders para auxiliá-lo na secretaria e na direção do clube do Rio nestes primeiros anos, embora o presidente fosse João Thomé Saboya.²⁵ Essa direção mais firmemente orientada para uma ação comunitária à qual os interesses comerciais fortemente presente no movimento, embora sem serem contrariados, deveriam se atrelar, auxiliou na criação do clube de São Paulo. Em 1924, surgiria assim este segundo Rotary Club no Brasil, contando em sua reunião de fundação com a presença mais uma vez o YMCA na pessoa de Irving Henry Gallion e como representante do Rio, Robert Shalders, peça que se tornava importante nesses anos no diálogo local-global do Clube.

O Estado de São Paulo.

A primeira diretoria do Clube já sinalizava claramente a importância que foi dada às questões urbanas ao colocar na sua presidência um dos tres mais importantes nomes do urbanismo no Brasil :Victor da Silva Freire, Diretor de obras da Prefeitura Municipal, conselheiro da City Improvements, presidente da Cia de Pavimentação e Obras públicas, da Cia Anglo- Brasileira, Professor da Escola Politécnica. Ao lado de Freire compunham ainda a diretoria os representantes da vida econômica da cidade e das organizações civis de ação filantrópica como: José Carlos de Macedo Soares – vice-presidente – da Cia paulista de Artefatos de Alumínio; Antonio Gaffré Ribeiro – secretario importador de gasolina Standard Oil Company; Irving Henry Gallion – tesoureiro ACM ;Herminio Gomes Moreira – Escola Remington de Datilografia; Benedicto Montenegro – médico operador.

O Brasil vivia período de grande mobilização política quando o Clube de São Paulo foi fundado²⁶ reunindo um grupo ainda mais seletivo e diversificado do que aquele do Rio como permite ser constatado em na lista dos seus primeiros membros.²⁷ A criação do clube coincide com a Revolução de 1924, quando foram feitas mais de 10 mil prisões inclusive dos

rotarianos Julio de Mesquita e Macedo Soares, desestabilizando o clube neste seu primeiro ano. Entretanto, no Rio o Clube se firmou : em novembro de 1924, foi criada a revista *Notícias Rotarias* e nos registros da associação constavam o nome de 62 novos sócios dos quais 17 haviam, entretanto, dado baixa inclusive, 7 fundadores (Herbert Moses Simão da Costa, Schurz, Cartier, Mosquera, Mccoll, Hackett) por razões que merecem ser mais estudadas.²⁸

Não poderemos nos estender aqui em detalhes sobre a ação destes dois primeiros Rotary Clubes em funcionamento no Brasil mas é notável como a partir de 1925 e durante mais de uma década : o nome do Rotary Club passou a ser cada vez mais associado à uma firme ação social no campo da educação, da assistência e do planejamento da cidade, entendida como uma ação coletiva que deveria ser estimulada por diferentes meios de mobilização e propaganda e posta em prática da forma mais cotidiana.

No, Rio de Janeiro, capital Federal, o Clube a partir de 1924 e da gestão de Francisco Oliveira Passos, se aproximaria de Ministros, embaixadores, médicos higienistas, religiosos de confissão católica influenciar na vida da Metrópole.²⁹ Os problemas da infância e da juventude destacaram-se logo dentre as cogitações do Clube, não apenas medidas pontuais como o Natal das Crianças Pobres, mas também políticas de criação de biblioteca nas escolas municipais ou a construção de campos públicos de desportos e a prática do escotismo. As questões comerciais também não sernao descuidadas e discute-se a organização de uma Feira Internacional de Amostras, divulgando os próprios produtos exportados por grandes empresas norte-americanas.

Entre o final de 1925 e o início de 1926 no Rio de Janeiro discutiu-se longamente as atividades da Comissão de programa e seu Programa de ação, começando pela criação de uma *Federação das Instituições de Caridade e Ordens Pias do DF* sob patrocínio do Clube. Seria uma especie de Legião Brasileira de Assistencia que deveria agir em uma polícia de costumes tanto na repressão quanto na assistência, tanto no patronato, quanto na re-educacão quanto no seguro social, na profissionalização, na hospitalização e asilo junto a menores abandonados, alcoolatras, toxicomanos, velhos mas também junto a deficientes físicos e mentais. Em São Paulo os rotarianos seguiram estrategias semelhantes de ampliação do diálogo com especialistas e autoridades embora tenham siod ainda mais enfáticas as suas ações no campo do urbanismo. As primeiras conferências introduziram os associados na grande reforma

urbana que vinha sendo discutida para a cidade e que era perceptível a cada dia com o crescimento da cidade.

Aqui, mais ainda do que no Rio de Janeiro, talvez sob influência de Victor Freire que conhecia o Plano de Chicago e acompanhava os seus desdobramentos desde 1910, quando participou da *Town Planning Conference* em Londres, os próprios membros técnicos do Clube buscavam ‘educar’ antes de tudo os seus próprios pares nas matérias para criar uma mentalidade. Os engenheiros Ulhoa Cintra e Prestes Maia, por exemplo, foram convidados para discorrer sobre *O Plano de Expansão da Cidade de São Paulo*, Artur Motta, Diretor da Repartição de Águas e Esgotos analisou *A seca de 1924 e suas consequências no fornecimento de água de São Paulo*, Antonio Carlos Cardoso, eng. Chefe da Construção da Light and Power fez também palestra em 1925 sobre *Distribuição da energia elétrica no Estado de São Paulo*. O traçado urbano, água e luz, temas fundamentais da nova ordenação da cidade, foram objeto de sistemática análise dos rotarianos. Mas não só. O que era socialmente *A radiofonia e sua importância como meio educativo* foi, também por exemplo, tema da palestra de José Carlos Macedo Soares. Palestras sobre a reforma física da cidade se aliavam a palestras sobre a reforma social. A torna-se, assim o centro dos interesses: educar para a cidade, educar para a cidadania, como ensinara a escola de Urbanismo de Chicago. Seria exposto, por exemplo o sistema Gaumont de alfabetização por meio do cinema combinado com alto-falantes da telefonia sem fios: “um carro com aparelho cinematográfico combinado com altos-falantes, carro este que vai de lugar em lugar, para fazer exposições por meio das quais são dadas lições práticas que permitem a alfabetização em massa.”

Enquanto os jornais anunciavam que dentro em pouco São Paulo seria a cidade de mais mendigos no Universo, o grupo rotário atuava na busca de soluções, fundando a Associação dos Amigos da Escola embrião das futuras Associações de Pais e Mestres da rede escolar de ensino. Nos anos seguintes o Rotary e até o golpe de 1937 criaria dezenas de Comissões de Planos de cidade no Brasil, inspiradas naquela de Chicago e que haviam se espalhado também por centenas de cidades norte-americanas. Estava lançada, no Brasil “a semente do maior movimento social moderno”, capaz de interferir ainda hoje nos alicerces de milhares de metrópoles pelas instituições que conseguiu criar, embora ainda não tenhamos talvez nos debruçado com suficiência sobre este processo.

¹ There was Silvester Schiele, a coal dealer and first president of the club, Gustavus Loehr, a mining engineer and Hiram Shorey, a merchant taylor, cf. Rotary International. *Adventure in Service*, Chicago, RI, ca. 1946,

² idem, *ibid.*, p.14]

³ Paul Harris, (ca.1935), *This rotarian age*, Chicago, R.I., tradução brasileira ca.1939, pp44-45

⁴ idem, *ibid.*, pp 46-52

⁵ idem, p.51]

⁶ John C. Teaford “Good government movements” in the *Encyclopedia of Chicago*, p.347

⁷ Cf. *Lincoln, Steffens, The Shame of the Cities*, 1904. Introduction

⁸ Krueckeberger *.The American Planner*, p.75

⁹ Abbot in the *Encyclopedia of Chicago*,

¹⁰ Krueckeberger *.The American Planner*

¹¹ For Moody cf Krueckeberger *.The American Planner*, pp . 76--84

¹²

¹³

¹⁴ Rotary International, *Adventure in Service*, p.19.

¹⁵ Chapoulie

¹⁶ Angel de Fuentes. ‘Servir, Servir y Servir’ in *The Rotarian*, 1935, p 53

¹⁷ idem, *ibid.*

¹⁸ Richard Paul Momsen, nascido em 1890 em Milwaukee, diplomado pela Universidade George Washington, tem portanto 26 anos quando almoca com Coates e Perry em Chicago em 1916. Faz parte da legação americana no Brasil desde 1913 e em 1918, torna-se consul geral interino. Em 1920 revalida seu diploma e com colegas brasileiros torna-se advogada de várias firmas que estão se instalando no país. Foi membro da Comissão dos EUA na Expo Comemorativa da Independência em 1922, tendo incentivado a construção do pavilhão americano e que foi a primeira sede própria de embaixada americana no estrangeiro.

¹⁹ H.P.Coates, veio para a América do Sul em 1897, ligado `a construção de estradas de ferro, passou a servir ao sistema ferroviário uruguaio sendo depois durante quase 30 anos representante de Companhias americanas do ramo, não só no Uruguai como em outros países sul-americanos. Tomou conhecimento do RC na convenção de Cincinnati e passou a se dedicar ativamente ao movimento. Foi Secretário do Rotary Clube de Montevideo em seus primeiros 5 anos (1918-1922) e depois tornou-se seu Presidente..

De 1920 a 1927 foi o 1º Comissário do RI na A.Latina, como membro da comissão de Expansão do RC visitou cerca de 90 clubes em difetentes partes do mundo. Em 1930-1931 era governador do Distrito 63. Foi socio honorário do RC do RJ de 1933 até 1941, quando morre.

²⁰ [Amarante]

²¹ A Noite de 9/12/1920 cf. Amarante, p.13

²² A ata da reunião foi assinada pelo seguintes participantes: A. Costa Pires – importador de carvão (Gano Moore & Co); C.A. Sylvester – bondes (treasurer The Rio de Janeiro Tramway Light and Power co.); Col. C.H.Grawford - material ferroviário (Baldwin Locomotime Works); F.A.Huntress – luz e força (vice-presidente da The Rio de Janeiro Tramway Light and Power co.); Frank M. Garcia – material de construção –(vice – president of Corning International); H.L.Dale – equipamentos hidraulicos (Mining Machinery Allis-Chalmers Mfg Co); H.M.Sloat - equipamento ferroviário (gerente geral da Middletown Car and Otis elevator); Herbert Moses – advogado (admiralty lawyer), J.D.W.Snowden – Aço; T.P.Stevenson – navegação (Cia Expresso Federal); J.R.Haney – oleos lubrificantes (standard Oil); P.C.Coethran – seguro (Insurance Co of North America); R.W.Govern – Engenharia; R.P.Momsen – advogado (corporation Lawyer); T.L.Wright – Importador de Automóveis (Sociedade Bom Retiro); W.C.Holmes – Pneumaticos (Goodyear Tire & Rubber Co); W.C.Stevens – Maquinas de costura (Singer Sewing machine) cf. Amarante e Notícias rotárias nº1,

²³ O único presente na reunião de 1921 é Herbert Moses/ Momsen estava fora a do país e ao retornar em novembro de 1923 ingressa no clube.A lista dos participantes desta nova reunião de fundação foram : Joao Thome de Saboya e Silva (Importador de acessórios para automóveis, na verdade, engenheiro, Senador e ex-governador do Ceará “figura de grande projeção e experiência” amigo de Mosquera) ; Dr. Fernando de Magalhaes (medico- cirurgião) ; Dr. Lewis Wendell Hackett (saude pública), Roberto James Shalders (maquinas e assessorios) ; Henry Herman Lichtwardt (Ass. Crista de Moccos associacoes) ; Herbert Moses – (advogado) ; Frederick Charles Brown (Diversões) ; Jose Simao da Costa() ; Horacio Cartier (imprensa A noite) ; David Bell (perito em contabilidade) ; Ismael de Oliveira Maia – (materiais de construção- importação) ; Renato Rocha Miranda (Carvão mineração) ; Archimedes Memória (Arquiteto) ; Alfredo Mosquera (importação de automóveis) ; Major Ernest Leonard Mc Coll (Representante diplomático do Canadá) ; William Schurz (adido comercial da embaixada do EUA).

²⁴ “A Comissão de Classificações tem dentro do clube um papel de alta importância, esclarecia o rotariano Dr. Ismael de Souza em discurso publicado na revista *Notícias rotárias* de 1928. A ela incumbe, estudando todas as atividades da cidade onde esta instalada o clube, dizer quais devem ser seus representantes dentro dele, de modo que represente uma miniatura de toda a vida profissional e de negócios da cidade.”

²⁵ Saboya relembra que para alguns isso impacientava mas ele se sentia “Um cristão novo, sem conhecimento íntimo da instituição que ia dirigir...” Shalders e Lichtwardt é que conduziam o Rotary...Cf. *Rotary Brasileiro* , março de 1939, depoimento.

²⁶ O RC de São Paulo recebeu o registro nº 1945 em 24 de março de 1925

²⁷ Além da Diretoria foram fundadores ou membros do RC de São Paulo no seu primeiro anos de funcionamneto os seguintes membros: Ademar Moraes (eng.construtor); José Ferreira de Oliveira (fabricante de arreios); Manfredo Antonio da Costa (vendedor de aparelhos elétricos); Richard O. Connell (consul dos EUA); Augusto Marques Guerra ; Gilbert J. Huber; Edgar Egydio de Souza (diretor da São Paulo Light and Power); Erasmo Teixeira de Assumpção (exportador de café); Frederico Vergueiro Steidel (professor de Direito); Geraldo de Paula Souza (médico higienista); Horacio Rodrigues (fabricante de Produtos químicos); José Bento Monteiro Lobato (escritor) ; J.F. Belfrange (contador e auditor), José Maria Whitaker (banqueiro e criador do Banco comercial de São Paulo); Julio de Mesquita Filho (jornalista e diretor de O Estado de São Paulo), Nagib José de Barros (negociante de máquina de escrever); Nestor Rangel Pestana (notário público da Capital); Rudolph Kesselring (diretor do clube de Pesca), Washington Luis Pereira de Souza (deputado estadual); William Alfred Reeves (atuário e empresário)

²⁸ Seria interessante, dentre outras figuras de destaque, sobretudo melhor estabelecer as relações entre o movimento rotariano e Herbert Moses, importante personagem nas organizações Globo, começando pel a criação do próprio jornal e que foi durante décadas presidente da Associação Brasileira de Imprensa.

²⁹ cf. Thome Saboya apud. Amarante: p.29